



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Oliveira, Ebenézer A. de; Marin, Angela H.; Pires, Fábio B.; Frizzo, Giana B; Ravanello, Tiago;  
Rossato, Caroline

Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e  
Comportamentos de Externalização e Internalização  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Available in: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815102>

- ▶ How to cite
- ▶ Complete issue
- ▶ More information about this article
- ▶ Journal's homepage in redalyc.org

## **Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeneracional e Conflito Conjugal e Comportamentos de Externalização e Internalização**

*Ebenézer A. de Oliveira<sup>1</sup>*

*Malone College, USA*

*Angela H. Marin*

*Fábio B. Pires*

*Giana B. Frizzo*

*Tiago Ravanello*

*Caroline Rossato*

*Universidade Federal de Santa Maria*

---

### **Resumo**

Modelos mediátivos de risco e proteção foram testados, para prever longitudinalmente comportamentos de externalização e internalização infantis, a partir de uma atitude conjugal conflituosa e de estilos parentais intergeracionais autoritário e democrático-recíproco. Proveniente de duas escolas particulares e uma pública, a amostra contou com 25 meninos e 25 meninas com idade entre 4 e 5 anos, e suas respectivas mães. Correlações bivariadas de Pearson e regressões múltiplas indicaram transmissão intergeracional do estilo autoritário, mas não do democrático-recíproco, mediada por uma atitude conflituosa. O estilo autoritário materno previu tanto externalização quanto internalização, enquanto a atitude conjugal conflituosa apenas externalização. Embora significativo, o modelo aditivo não gerou efeitos longitudinais significativos para a externalização. Mas, ao se levar em conta a relação entre o estilo autoritário e a atitude conjugal conflituosa, foram encontrados para ambos os fatores. A obtenção de resultados significativos apenas no modelo de risco é discutida a partir dos pontos de vista teórico e metodológico.

*Palavras-chave:* Mediação; risco; proteção; estilos parentais; transmissão intergeracional.

**Intergenerational Authoritarian and Authoritative Parenting Styles, Marital Conflict and Externalizing and Internalizing Behaviors**

### **Abstract**

Mediation models of risk and protection were tested to predict longitudinally both externalizing and internalizing behaviors in young children, with conflicted marital attitude and transgenerational, authoritarian vs. authoritative parenting styles. Drawn from two private and one public schools, the sample consisted of 25 boys and 25 girls with 4 to 5 years old and their respective mothers. Bivariate Pearson correlations and multiple regressions showed intergenerational transmission of authoritarian style, but not for the authoritative style, mediated by a conflicted attitude toward the child. The maternal authoritarian style predicted both externalizing and internalizing behaviors, whereas the conflicted marital attitude only predicted externalizing behavior. Although significant, the additive model did not yield significant effects on the externalizing behavior. But when the relation between authoritarian parenting and conflicted marital attitude is taken into account, significant main effects were found for both factors on externalizing behavior. The finding of significant effects in the risk model is discussed from both theoretical and methodological standpoints.

*Keywords:* Mediation; risk; protection; parenting styles; intergenerational transmission.

sonalidade e as atitudes e comportamentos específicos do indivíduo, na teoria de Allport (Hall & Lindzey, 1957).

O estudo sistemático dos estilos parentais autoritário vs. democrático-recíproco<sup>2</sup> como fatores de risco e proteção, respectivamente, remonta à pesquisa pioneira de Baldwin (1949), no Fels Institute, em Ohio, Estados Unidos. Baseado no trabalho de Lewin, Lippitt e White (1939), sobre estilos de liderança de grupo, Baldwin caracterizou o estilo parental democrático-recíproco pela tentativa amistosa de envolver ativamente a criança no processo decisório familiar, conforme o nível de desenvolvimento da criança. Já o estilo parental autoritário foi por este autor definido como invariavelmente impositivo e hostil ou insensível aos interesses e vontades da criança.

Baumrind (1971) retomou essa linha de pesquisa e, através da análise de conglomerados (*cluster analysis*) de dados observacionais e de atitudes auto-relatadas dos pais, acrescentou mais um estilo parental: o permissivo. Este estilo parental compreende a falta tanto de controle como de expectativas de uma conduta madura da criança. Contudo, conforme Baumrind admitiu, “as realidades empíricas requereram várias modificações nas definições operacionais dos padrões correspondendo mais de perto à definição prototípica dos pais permissivos” (p. 23), pois nenhum dos pais se enquadrava perfeitamente nessa classificação. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) desdobraram o estilo parental permissivo em negligente e indulgente, diferenciando-os pelo maior nível de envolvimento parental do segundo em relação ao primeiro.

As referidas pesquisas apontam para o estilo democrático-recíproco como catalisador do desenvolvimento da criança pré-escolar, em contraste com os demais estilos parentais, que acarretam risco desenvolvimental, especialmente quanto à conduta independente e empreendedora de meninas e a responsabilidade social (colaboração, receptividade, sensibilidade aos outros) de meninos (Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1995). Contudo, a influência desse tipo de estilo parental é menor

Uma outra questão que vem sendo plorada na literatura é a transmissão intergeracional da parentagem. Recentemente, um rico campo de estudos empiricamente embasados tem se voltado para a transmissão entre gerações de práticas parentais abusivas (Kaufman & Zigler, 1989; Silberg, 1998; Conger, Chyi-In, 1991) ou punitivas (Mussen, 1995; Stollak, 1995) e de atitudes parentais de rejeição (Perris, Schlette & Adolfsson, 2000; Whitbeck, 1998). Conquanto o estilo autoritário engloba as práticas e atitudes já investigadas, ainda não se sabe se a intergeracionalidade do autoritarismo é exclusiva desse tipo de estilo parental. Tampouco se tem pesquisado se a continuidade intergeracional do estilo parental democrático-recíproco, já que a literatura mantém seu debate sobre a transmissão de risco, com pouca atenção para a continuidade intergeracional. Por sua vez, a continuidade intergeracional do estilo permissivo não determinista (Oliveira, 1998; Rutter, 1998).

Entre as poucas exceções, destaca-se o estudo de Belsky, Youngblade e Pensky (1990), em que a qualidade conjugal se apresentou como um fator de proteção para mães cuja infância foi marcada pela rejeição e falta de apoio. No estudo, lembranças de rejeição e falta de apoio na infância refletiram negativamente na qualidade conjugal, quando a qualidade conjugal era percebida como positiva, as lembranças de rejeição ou falta de apoio refletiram na emocionalidade materna. As percepções sobre efeitos moderadores deixaram de lado a possibilidade de existir um papel mediador que as atitudes e os sentimentos da relação conjugal podem ter na continuidade intergeracional. Pois, é preciso que se reconheça que a continuidade intergeracional é mais, mas, principalmente, como um resultado da continuidade intergeracional do estilo parental prenunciada reincidente risco ou vulnerabilidade da segunda geração, que por sua vez reflete a continuidade intergeracional da vulnerabilidade social da criança, na terceira geração (Silberg, 1998; Oliveira, 1998).

Telzrow & Oliveira, 1997; Crockenberg & Litman, 1990; Kopp, 1987), ao contrário do estilo parental permissivo, cuja freqüência e relevância desenvolvimental se acentuam a partir da pré-adolescência (Maccoby, 1994; Pacheco, Teixeira e Gomes, 1999).

Os critérios desenvolvimentais aqui adotados representam classes empíricamente derivadas de comportamentos infantis descontrolados (exemplos de externalização: agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira, etc.) e excessivamente controlados (exemplos de internalização: retração social, ansiedade, depressão; Achenbach, 1991). Na literatura, medidas de externalização e/ou internalização vêm sendo cada vez mais usadas para determinar o grau de dificuldade no desenvolvimento social (Alvarenga, 2000; Maggi & Piccinini, 1998; Oliveira, 2000a). Esperávamos que o estilo autoritário se relacionasse positivamente com os

comportamentos de externalização, que o estilo democrático-recíproco vamente com essas mesmas variáveis, e que, a cada 10 meses. O período de quase 10 meses entre a primeira coleta inicial dos dados e a correspondente à transição para a Parke (1993) apresentam como fatores para o ajuste social da criança, que é um regime mais estruturado do que o anterior.

Testamos, ainda, neste estudo, a associação entre gerações intergeracionais dos estilos autoritário e democrático-recíproco através de mediadores de risco e proteção, respectivamente, e, por fim, tanto exploratório dessa parte quanto os seguintes modelos hipotéticos:

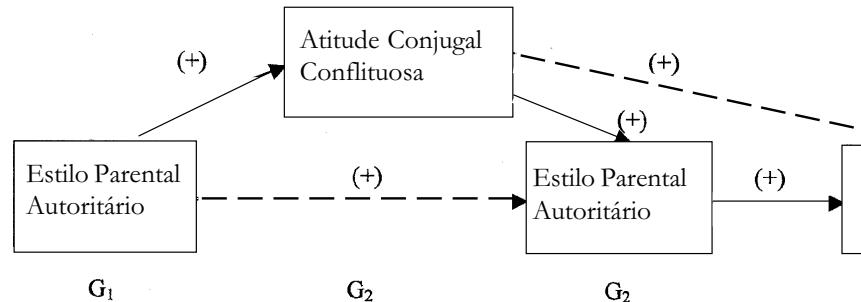
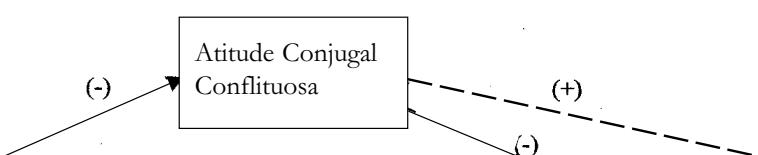


Figura 1. Modelo longitudinal mediativo de risco

Nota.  $G_1, G_2, G_3 =$  Gerações 1, 2 e 3. Sinais entre parênteses indicam as direções dos efeitos; sinais de menos (-) entre parênteses indicam efeitos significativos; setas pontilhadas indicam efeitos que perdem significância ao incluir a variável mediadora no modelo.



Nota-se, em ambos os modelos, o papel mediador que a variável atitude conjugal conflituosa exerce no ciclo intergeracional dos estilos parentais. Presumivelmente, quanto mais a mãe percebe sua história de criação como tendo sido autoritária, maior a sua chance de desenvolver uma atitude conjugal conflituosa, o que por sua vez reflete num maior autoritarismo materno para com a criança pequena (Figura 1). E quanto mais acentuada a percepção de um estilo parental democrático-recíproco na família de origem, menor a chance de uma atitude conjugal conflituosa, o que, por sua vez, promove um estilo parental democrático-recíproco reincidente na família de procriação (Figura 2). Ambos os estilos parentais da mãe também assumem um papel mediador, quanto às predições longitudinais dos comportamentos de externalização e internalização a partir de atitudes conjugais conflituosas.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 25 meninos e 25 meninas de 4 e 5 anos de idade e suas respectivas mães. Na coleta inicial dos dados, a média das idades das crianças era 5 anos e 3 meses ( $DP=6,83$ ), e a média das idades das mães era 35 anos ( $DP=6,69$ ). A amostra proveio de uma amostra maior que vem participando de um projeto de pesquisa integrado mais amplo, e foi recrutada através dos centros de educação infantil de dois colégios particulares ( $n=33$ ) e um colégio estadual ( $n=17$ ), em Santa Maria, RS. Como a maioria dos participantes era de colégios particulares, o nível sócio-econômico era médio (renda familiar média entre 10 e 14 salários mínimos; tamanho médio das famílias=4). Somente uma mãe informou que seu filho recebia acompanhamento psicopedagógico, mas sem especificação dos motivos.

### Medidas

de Autoritarismo são: “Quando eu estava nha mãe não permitia que eu questionasse que ela tomasse”; e “Minha mãe sempre acreditava que eu deveriam usar mais força para levar os filhos a fazerem como devem.” Exemplos de itens de democracia são: “Minha mãe sempre encorajava a negociação quando eu sentia que certas decisões na nossa família não faziam sentido”, e “Quando eu era pequena, se minha mãe me tratava de forma injusta que me magoasse, ela estava desrespeitando-me”. As respostas eram dadas de acordo com a escala Likert de 1 a 5, com 1=discordo e 5=concordo absolutamente.

Buri (1991) apresenta dados indicativos de conteúdo e boa confiabilidade teste-reteste de duas semanas (0,86 para o estilo autoritário e 0,87 para o estilo democrático-recíproco). E Smetana (1989) demonstra a validade do PAQ para prever diferentes julgamentos quanto ao uso de autoridade parental e justificativa de controle sobre diferentes tipos de questões entre adolescentes, assim reforçando a validade do instrumento em amostras norte-americanas.

*Estilos parentais maternos.* Consistente com a literatura quantitativa dos estilos autoritário e democrático da avó materna, a medição dessas dimensões na mãe foi feita através de subescalas da versão português do Parent Attitude Research Inventory (Schaefer & Bell, 1958), envolvendo atitudes de uso de autoridade e à afetividade para com o filho. As propriedades psicométricas do instrumento americano têm sido amplamente avaliadas (Edwards, 1989), e Nogueira (1988) apresenta evidências de consistência interna e confiabilidade para as subescalas de uma versão canadense adaptada para o português e usada com mães de crianças. Ancorada em cinco pontos (1=discordo, 2=desconcordo, 3=não sei, 4=concordo, 5=concordo absolutamente), a versão brasileira desse estudo é uma tradução do PARI adaptada num outro estudo com amostra brasileira (Frizzo e Marin, 2000).

*Atitude conjugal conflituosa.* Para medir a atitude conjugal conflituosa das mães participantes, foi usada a subescala Conflito Conjugal (*Marital Conflict*) do PARI (Schaefer & Bell, 1958). Um exemplo de ítem dessa subescala é: “Muitas vezes a esposa precisa dar bronca no marido para garantir os seus próprios direitos.”

*Comportamentos de externalização e internalização.* Os comportamentos de externalização e internalização das crianças foram medidos através do Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência (Bordin, Mari & Caeiro, 1995), que é uma versão em português, validada para amostras brasileiras, do *Child Behavior Checklist* (CBCL; Achenbach, 1991). A parte do CBCL destinada a medir problemas comportamentais lista uma série de comportamentos, que são classificados pelo adulto respondente (neste estudo, a mãe) quanto à freqüência em que são observados na criança, segundo uma escala de três pontos (0=ítem falso ou comportamento ausente; 2=ítem bastante verdadeiro ou comportamento freqüentemente presente).

Conforme orienta o manual, foi usada a soma dos escores brutos das subescalas Comportamento Delinqüente (ex.: “Mente ou engana os outros”) e Comportamento Agressivo (ex.: “Entra em muitas brigas”) para medir os comportamentos de externalização. A soma de escores nas subescalas Retraimento (ex.: “É tímido”), Queixas Somáticas (ex.: “Apresenta queixas físicas por ‘nervoso,’ sem causa médica”) e Ansiedade/Depressão (ex.: “Chora muito”) foi usada para medir os comportamentos de internalização.

Procedimento, Delineamento e Análise

As mães e crianças foram recrutadas para participar de um estudo científico sobre a “facilitação do desenvolvimento social infantil,” por meio de cartas, telefonemas e contatos pessoais de membros da equipe de pesquisa, intermediados pelas diretoras ou coordenadoras das escolas. Foram explicados os objetivos principais da pesquisa e a natureza voluntária da participação, e assegurados o sigilo da identidade e dos dados individuais.

sa, devidamente treinadas pelas cegas para os objetivos da pesquisa dos dados. Na coleta iniciaram-se questionários demográficos, por meio de uma entrevista, e preencheu o PARI e o PAC. Os dados não utilizados neste estudo foram usados para preencher o CBCL, além de fornecer interesse para o projeto. As esclarecimentos sobre os itens e as escalas, conforme necessária, média, cerca de 60 minutos.

Uma vez manualmente põe-  
cores brutos foram lançados no  
de mainframe SAS, versão 6.03,  
as análises estatísticas. Análises  
adequação das medidas, testaram  
áveis estranhas e determinaram

O delineamento foi essencial longitudinal (Newcombe, 1991), retrospectivos (transmissão interparentais) e prospectivos (entre conflituosa e dos estilos parentais, momento social da criança pré-adolescente, relações bivariáveis e análises multivariadas, a testagem das hipóteses. Nas análises de regressão estrutural, tripla, três equações foram usadas: diretos e indiretos, primeiramente do modelo; em seguida, os efeitos ambientais desenvolvimentais (Baron & Kenny, 1986; Patterson, 1998). Para todos os resultados, o nível de significância foi estabelecido em 0,05.

Análisis Preliminares

Analises Preliminares  
Para testar possíveis efeitos escola (particular vs. pública) foram usados testes t. Na ausência de significância, pode-se

foi um pouco mais baixo (0,41), mas, como indicam Schaeffer e Bell, magnitudes como essa são ainda satisfatórias, considerando-se que cada subescala contém apenas 5 itens. Bem menos satisfatórios, porém, foram os Alfas de Cronbach das duas subescalas do PARI usadas para medir o estilo democrático-recíproco (0,28 para Igualitarismo e 0,25 para Camaradagem).

Foram também extraídas as correlações de Pearson entre cada par de subescalas do PARI referentes aos estilos parentais das mães. Como se esperava, a correlação entre as subescalas Quebra de Vontade e Irritabilidade foi significativa,  $r=0,36$ ;  $p=0,01$ . Por conseguinte, os escores brutos dessas duas subescalas foram somados e usados como uma única medida do estilo autoritário materno, nas análises subseqüentes. Já as subescalas referentes ao estilo democrático-recíproco não apresentaram entre si uma correlação significativa, contrariando expectativas

danças significativas nos resultados da pais, foram mantidos os escores originais.

## Análises Principais

Os testes das hipóteses foram feitos. Primeiro, foi extraída uma matriz das cidades zero de todas as variáveis (ver Tabela 1), para determinar mais precisamente as variáveis explicativas no contexto de cada cidade, foram usadas regressões múltiplas condizadas (ver Tabelas 3 e 4).

*Correlações.* Conforme esperado, o estatístico da mãe se correlacionou positivamente com os comportamentos de externalização ( $r=0,3$ ) e internalização ( $r=0,27; p=0,05$ ) da criança, mais tarde. As correlações entre os pais e a internalização foram apenas marginais,  $p >$

Tabela 1. Estatísticas Descritivas das Variáveis ( $n=50$ )

Variável	Média	<i>dp</i>	Inclinação	Curtose	Mínimo
Estilo Autoritário da Avó	36,24	10,41	-0,38	-0,82	13
EDRAM	34,40	9,88	-0,42	-0,81	13
Estilo Autoritário da Mãe	29,14	7,89	-0,05	-0,27	10
ACC <sup>a</sup>	17,47	3,40	-0,03	-0,35	10
Igualitarismo da Mãe <sup>b</sup>	19,80	3,39	-0,41	-0,11	12
Camaradagem da Mãe <sup>b</sup>	23,30	1,96	-1,12	0,60	18
Externalização	18,46	7,84	0,82	0,84	6
Internalização	12,86	6,44	0,59	-0,65	4

Nota. ACC = Atitude Conjugal Conflituosa da Mãe; EDRAM= Estilo Democrático-Recíproco da Avó Materna  
 $a_{\text{AC}} = 45$ ;  $b_{\text{AC}} = 44$ .

baseadas em análises de fatores do instrumento original (Zuckerman, Ribback, Monashkin & Norton, Jr., 1958) e da versão canadense traduzida para o português por Nogueira (1988). Uma comparação dos itens da nossa ver-

atitude conjugal conflituosa da mãe previu os comportamentos de externalização ( $r=$  não de internalização da criança. Atitude co-também se correlacionou positivamente

Tabela 2. Matriz das Correlações de Pearson de Ordem Zero ( $n=50$ )

Variáveis	1	2	3	4	5	6
1. EAAM	—					
2. EDRAM	-0,17	—				
3. EAM	0,43**	0,27=	—			
4. ACC <sup>a</sup>	0,44**	0,03	0,71***	—		
5. IM <sup>b</sup>	0,21	-0,04	-0,09	-0,05	—	
6. CM <sup>b</sup>	0,05	-0,06	-0,16	-0,11	0,07	—
7. EXT	0,20	-0,08	0,35**	0,46**	-0,19	-0,01
8. INT	0,20	-0,07	0,27*	0,18	0,14	0,00

Nota. EAAM = Estilo Autoritário da Avó Materna; EDRAM = Estilo Democrático-Recíproco da Autoritário da Mãe; ACC = Atitude Conjugal Conflituosa da Mãe; IM = Igualitarismo Materno; CM = Externalização da Criança; INT = Internalização da Criança.

<sup>a</sup> $n = 45$ ; <sup>b</sup> $n = 44$ .

†  $p < 0,10$ ; \* $p \leq 0,05$ ; \*\* $p \leq 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ .

Tabela 3. Regressões Múltiplas: Teste da Mediação da Atitude Conjugal Intergeracionalidade do Estilo Parental Autoritário ( $n=44$ )

Variável	$\beta$	Erro Padrão	$b$	$t$
Equação 1: Atitude Conjugal Conflituosa em função do Estilo Autoritário da				
Pt. de Interseção	12,42	1,62	0,00	7,64**
EAAM	0,14	0,04	0,44	3,24*
Equação 2: Estilo Autoritário da Mãe em função do Estilo Autoritário da Avó				
Pt. de Interseção	17,17	3,58	0,00	4,80**
EAAM	0,30	0,10	0,44	3,19*
Equação 3: Estilo Autoritário da Mãe em função da Atit. Conj. Conflituosa e				
Pt. de Interseção	-0,46	4,25	0,00	-0,11
EAAM	0,11	0,08	0,15	1,28
Atit. Conj. Conflituosa	1,42	0,26	0,65	

Nota. EAAM = Estilo Autoritário da Avó Materna.

\* $p < 0,01$ ; \*\* $p < 0,001$ .

esse mesmo estilo parental para com a criança. Por outro lado, semelhantes relações intergeracionais não foram

autoritário da mãe foi explicado na avó materna.  $F(1, 42) = 10$

Tabela 4. Regressões Múltiplas: Teste da Mediação do Estilo Parental Autoritário da Mãe na Preditivação da Externalização da Criança ( $n=44$ )

Variável	$\beta$	Erro Padrão	$b$	$t$
Equação 1: Estilo Autoritário da Mãe em função de Atitude Conjugal Conflituosa				
Pt. de Interseção	0,75	4,17	0,00	0,18
Atit. Conj. Conflituosa	1,57	0,23	0,71	6,68**
Equação 2: Externalização em função de Atitude Conjugal Conflituosa				
Pt. de Interseção	-0,99	5,79	0,00	-0,17
Atit. Conj. Conflituosa	1,11	0,33	0,46	3,42*
Equação 3: Externalização em função de Atitude Conjugal Conflituosa e EAM				
Pt. de Interseção	-1,10	5,83	0,00	-0,19
Atit. Conj. Conflituosa	0,88	0,47	0,36	1,88†
EAM	0,15	0,21	0,14	0,71

Nota. EAM = Estilo Autoritário da Mãe.

† $p < 0,07$ ; \* $p < 0,01$ ; \*\* $p < 0,001$ .

autoritário da avó materna sobre o estilo autoritário da mãe foi igualmente significativo. E, finalmente, quando incluída na terceira equação, a atitude conjugal conflituosa não apenas teve um efeito significativo sobre o estilo autoritário da mãe, mas diminuiu o efeito do estilo autoritário da avó materna a um nível desprezível, próximo de zero (compare os valores de  $\beta$  para o estilo autoritário da avó nas equações 2 e 3, na Tabela 3).

A Tabela 4 mostra o resumo dos resultados das regressões adotadas para testar o papel mediador do estilo parental autoritário materno na predição longitudinal dos comportamentos de externalização da criança a partir da atitude conjugal conflituosa da mãe. Por não se correlacionar significativamente com externalização (Tabela 2), a medida de autoritarismo da avó materna foi mantida fora dessas análises.

Novamente, todas as equações tiveram resultados significativos. A primeira equação explicou 51% da variância do estilo parental autoritário materno em função da atitude conjugal conflituosa,  $F(1, 42) = 44,61; p < 0,001$ . A segunda equação deu conta de 21% da variância de

externalização, a partir da atitude conjugal conflituosa, que se vê na Tabela 4, a atitude conjugal conflituosa é significativa tanto sobre o estilo autoritário quanto sobre o comportamento de externalização da criança. Porém, na terceira equação, o efeito do estilo autoritário da avó materna caiu para um nível não significativo, encerrando assim a atitude conjugal conflituosa foi quase significativa ( $p < 0,07$ ).

Para determinar se havia algum efeito da atitude conjugal conflituosa na predição da externalização da criança, petiu-se a terceira equação com o acréscimo da variável cruzado atitude conjugal conflituosa X EAM, realizada através do *General Linear Model* (GLM). O efeito interativo estatisticamente significativo entre a atitude conjugal conflituosa como o estilo autoritário da avó materna foram efeitos principais significativos; resultaram  $F(1, 49) = 5,34; p < 0,05$  e  $F(1, 49) = 4,49; p < 0,05$ , respectivamente, claramente, portanto, que os efeitos das variáveis independentes sobrepõem, como seria de se esperar a possibilidade existente entre elas (ver Tabela 2); mas, talvez, é indicativa nem de mediação nem de moderação.

## Discussão

O presente estudo representa uma tentativa de avanço na literatura brasileira rumo a modelos explicativos que especifiquem processos mediátivos, considerando não apenas fatores de risco, mas também de proteção. Pelo uso de amostra não-clínica, escalas quantitativas sem pontos de corte arbitrários e predição prospectiva dos critérios desenvolvimentais, buscou-se superar limitações detectadas em outras pesquisas do gênero (Kaufman & Zigler, 1989; Patterson, 1998; Rutter, 1998).

Em conjunto, os dados apontam para relações complexas entre os estilos autoritários da avó materna e da mãe, e a atitude conjugal conflituosa da mãe, como fatores de risco para comportamentos de externalização, mas não de internalização, em crianças pré-escolares. Contrário às expectativas, porém, os dados não sugerem um papel de proteção para o estilo democrático-recíproco da avó ou da mãe, com relação à atitude conjugal conflituosa da mãe ou aos comportamentos de externalização e internalização da criança.

Os resultados diferenciados para os critérios desenvolvimentais sugerem que os comportamentos de externalização e internalização seguem modelos de risco distintos, conforme também indicam outras pesquisas (ex., Caspi, Henry, McGee, Moffit & Silva, 1995; Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992). Se, por um lado, maiores índices de estilo autoritário materno são preditivos tanto de mais externalização como de mais internalização na criança, por outro lado, maiores índices de atitude conjugal conflituosa prevêm maior externalização, mas não internalização. E visto que a atitude conjugal conflituosa cresce linearmente com o estilo autoritário, torna-se difícil isolar os efeitos principais de cada um desses fatores maternos sobre a externalização infantil, num único modelo aditivo.

A implicação óbvia desse padrão de resultados é que a externalização e a internalização devem ser tratadas separadamente, e que a atitude conjugal conflituosa

são intergeracional é mediada por uma atitude conjugal conflituosa da mãe. Ou seja, a atitude conjugal conflituosa da mãe autoritária, na infância, prediz maior externalização da geração seguinte através de uma atitude conjugal conflituosa.

Como sugerem Caspi e Eliezer (1996), se a atitude conjugal conflituosa da mãe é socializada para assumir um papel protetor, a mulher ocidental transfere sua atitude conjugal conflituosa para dentro da relação conjugal. No entanto, se a atitude conjugal acrimoniosa, ela é transmitida intergeracionalmente, com maior intensidade, e é socializada para assumir um papel protetor. A atitude conjugal conflituosa, que os resultados mostraram ser preditora intergeracional de autoritarismo, é socializada para assumir um papel protetor. A atitude conjugal conflituosa, que os resultados mostraram ser preditora intergeracional de autoritarismo, é socializada para assumir um papel protetor.

Mas, por que apenas o modelo de medição do estilo autoritário intergeracional é preditivo dos dados, enquanto o modelo de medição do estilo democrático-recíproco, que é o resultado das análises bivariáveis? Lembre-se que os resultados podem ter ocasionado essa diferença. As considerações teóricas também devem ser levadas em conta.

Uma provável explicação para a maior consistência e significatividade para o modelo de medição do estilo autoritário intergeracional é a menor probabilidade de erro na medição. A atitude conjugal conflituosa é particularmente suscetível ao erro de medição, especialmente quando se trabalha com instrumentos de medição de atitudes, como no presente estudo. Pois, nem sempre é fácil distinguir entre externalização e internalização, que são conceitos supostamente validados para uso clínico (Caspi, 1993; Caspi & Caeiro, 1995), que satisfazem as condições de validade (e.g., amostra normal, consistência interna, representatividade da população). Apesar de ser contrário das medidas envolvendo a atitude conjugal conflituosa, os resultados apresentados mostram que, mesmo com a baixa consistência interna, os resultados são significativamente preditivos da externalização e da internalização.

têm alfas e  $\kappa$  mais elevados... Os comportamentos positivos podem conter mais informação e ser mais complexos do que os negativos" (pp. 496-497).

É também possível que nossos modelos explicativos, por se basearem numa única fonte de informação, estejam apresentando um quadro de intergeracionalidade e previsão ontogenética tendencioso. Mas, como bem indica Rutter (1998), ainda não se sabe até que ponto a continuidade e a descontinuidade intergeracionais são fenômenos objetivos ou restritos à experiência subjetiva. Isso pode depender do construto em questão. E, como argumentam Achenbach, McConaughy e Howell (1987), os relatos maternos sobre comportamentos da criança podem ser tão válidos quanto os relatos da professora ou de outro observador, apesar das intercorrelações baixas entre eles, pois cada informante se relaciona com a criança de modo diferente e num contexto diferente. Só através da análise de equação estrutural, empregando modelos latentes com múltiplos informantes e tipos de medição, poderíamos obter um quadro mais próximo da "realidade objetiva." Por enquanto, contentamo-nos em apresentar dados que refletem a experiência subjetiva da mãe, a qual é tão relevante para a ciência quanto para a prevenção psicológica.

Limitações metodológicas à parte, a obtenção de dados significativos apenas para o modelo de risco também pode estar refletindo uma certa assimetria na ordem natural do universo em que vivemos. Pois, há evidências mais fortes de descontinuidade do que de continuidade entre gerações, na literatura (Rutter, 1998). E os dados indicativos de continuidade, quando encontrados, tendem a ser bem mais brandos em amostras comunitárias do que em amostras clínicas ou de alto risco (Belsky e cols., 1990; Kaufman & Zigler, 1989).

Este estudo revela que, intergeracional e ontogeneticamente, "problemas geram problemas" (Caspi & Elder, Jr., 1988; p. 218). Mas, seria surpreendente descobrir que o mesmo não se aplica às experiências mais positivas, que também devem ter continuidade e des-

## Referências

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist 1991 profile*. Burlington, VT Department of Psychiatry, University of Vermont.
- Achenbach, T. M., McConaughy, S. H. & Howell, C. T. (1987). Child and adolescent problems and competencies: factor structure of informant correlations for situational specific inventories. *Journal of Abnormal Psychology*, 101, 213-232.
- Alvarenga, P. (2000). *Práticas educativas maternas e problema de adaptação à infância*. Dissertação de mestrado não-publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). The moderator-moderator distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Baldwin, A. L. (1949). The effect of home environment on school behavior. *Child Development*, 20, 49-62.
- Barth, J. M. & Parke, R. D. (1993). Parent-child relationships during children's transition to school. *Merrill-Palmer Quarterly*, 39, 261-282.
- Baumrid, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Psychology Monograph*, 4, 1-32.
- Baumrid, D. (1972). An exploratory study of parenting of black children: Some black-white comparisons. *Child Development*, 43, 261-267.
- Bear, G. G., Telzrow, C. F. & Oliveira, E. A. de (1998). The effect of home environment on school behavior. Em G. G. Bear, K. M. Minke & A. Thackeray (Orgs.), *Handbook of child psychology and applied developmental psychology. Volume 2: Development, problems and alternatives* (pp. 1-26). New York: John Wiley & Sons.
- Belsky, J., Youngblade, L. & Pensky, E. (1990). Children's temperament, family environment, and maternal affect: Intergenerational transmission in a high-risk sample. *Development and Psychopathology*, 2, 29-45.
- Bordin, I. A. S., Mari, J. J. & Caeiro, M. F. (1995). Validação da versão portuguesa da "Child Behavior Checklist" (CBCL) para a população brasileira. *Revista ABP-APAL*, 17, 55-66.
- Buri, J. R. (1991). Parental authority questionnaire. *Journal of Clinical Assessment*, 57, 110-119.
- Caspi, A. & Elder, Jr., G. H. (1988). Emergent family processes and the generational construction of problem behavior. Em R. A. Hinde & J. S. Hinde (Orgs.), *Relationships between generations: From birth to adolescence* (pp. 218-240). Oxford: Oxford University Press.
- Caspi, A., Henry, B., McGee, R. O., Moffitt, T. E. & Silva, P. A. (1996). The environmental origins of child and adolescent antisocial behavior: From age three to age fifteen. *Child Development*, 67, 103-123.
- Chen, X., Hastings, P. D., Rubin, K. H., Chen, H., Cui, Y. & Li, Q. (1998). Child-rearing attitudes and behavioral problems in Chinese parents. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 29, 25-42.

*Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e Comportamentos de*

- Kaufman, J. & Ziegler, E. (1989). The intergenerational transmission of child abuse. Em D. Cicchetti (Org), *Child Maltreatment* (pp. 129-150), New York: Cambridge University.
- Keith, P. B. & Christensen, S. L. (1997). Parenting styles. Em G. G. Bear, K. M. Minke & A. Thomas (Orgs.), *Children's needs II: Development, problems and alternatives* (pp. 559-566). Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.
- Kopp, C. B. (1987). The growth of self-regulation: Caregivers and children. Em N. Eisenberg (Org.), *Contemporary topics in developmental psychology* (pp. 34-52), New York: Willey.
- Lewin, K., Lippitt, R. & White, R. K. (1939). Patterns of aggressive behavior in experimentally created "social climates." *Journal of Social Psychology*, 10, 271-299.
- Lundberg, M., Perris, C., Schlette, P. & Adolfsson, R. (2000). Intergenerational transmission of perceived parenting. *Personality and Individual Differences*, 28, 865-877.
- Maccoby, E. E. (1994). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. Em R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser & C. Z. Waxler, (Orgs.), *A century of developmental psychology* (pp. 589-615). Washington, D. C.: American Psychological Association.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E. M. Hetherington (Org.), *Mussen manual of child psychology* (Vol. 4, 4<sup>th</sup> ed., pp. 1-102). New York: Wiley.
- Maggi, A. & Piccinini, C. A. (1998). Intereração mãe-criança envolvendo crianças que apresentam problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 259-265.
- Muller, R. T., Hunter, J. E. & Stollak, G. (1995). The intergenerational transmission of corporal punishment: A comparison of social learning and temperament models. *Child Abuse & Neglect*, 19, 1323-1335.
- Mussen, P. H., Conger, J. J., Kagan, J. & Huston, A. C. (1995). *Desenvolvimento e personalidade da criança* (M. L. G. L. Rosa, Trad.). São Paulo: Harbra. (Original publicado em 1990).
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen* (C. Buchweitz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1996).
- Nogueira, Y. (1988). Atitudes maternas: Estudo do PARI (Parental Attitude Research Instrument) em amostra brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 40, 48-62.
- Oliveira, E. A. de (1998). Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14, 19-26.
- Oliveira, E. A. de (2000a). Autoritarismo materno, resistência à frustração e comportamentos de externalização da criança [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento (Org.), *Anais do III Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento* (p. 68). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense.
- Oliveira, E. A. de (2000b, Março). *Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento*. Seminário apresentado no Curso de Desenvolvimento Humano, Instituto Federal do Rio Grande do Sul.
- Oliveira, E. A. de, Frizzo, G. B. & Marques, M. (2000). Diferenças entre meninos e meninas em competências cognitivas e diferenciais para com meninos e meninas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 363-370.
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P. & Oliveira, E. A. de (2000). Desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais em crianças. *Teoria e Pesquisa*, 15, 117-126.
- Patterson, G. R. (1998). Continuities – Comment on the special section. *Journal of Family Violence*, 13, 125-128.
- Rutter, M. (1998). Some research continuities and discontinuities: *Developmental Psychology*, 34, 1269-1278.
- Schaefers, E. S. & Bell, R. Q. (1958). Developmental instrument. *Child Development*, 29, 101-110.
- Seligman, M. E. P. & Csikszentmihalyi, M. (1990). Introduction. *American Psychologist*, 45, 9-11.
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D. & Patterson, G. R. (1998). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Journal of Family Violence*, 13, 159-171.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles across the life span during adolescence. *Child Development*, 66, 126-142.
- Weiss, B., Dodge, K. A., Bates, J. E. & Patterson, G. R. (1992). Child aggression and information processing style. *Child Development*, 63, 1036-1045.
- Whitbeck, L. B., Hoyt, D. R., Simons, R. L., Conger, R. D., Lorenz, F. O. & Huck, S. (1992). Intergenerational transmission of harsh parenting and depressed affect. *Journal of Family Violence*, 7, 63-83.
- Zuckerman, M., Riback, B. B., Monashkina, I. & Patterson, G. R. (1998). Intergenerational transmission of harsh parenting: A confirmative data and factor analysis of the PARI instrument. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66, 44-53.

Sobre os autores

**Ebenézer A. de Oliveira** é Associate Professor do Departamento de Psicologia do Malone College